

A influência da cobertura midiática nas agressões físicas aos árbitros de futebol no Rio Grande no Sul

Luiza Naujorks Reis¹

Janice Zarpellon Mazo

RESUMO

Considerando uma estreita relação entre a mídia e a incidência de agressões físicas sofridas pelos árbitros de futebol, este estudo teve como objetivo averiguar a ocorrência de agressões aos árbitros nos jogos organizados pela Federação Gaúcha de Futebol em que não houvesse cobertura midiática. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com árbitros e assistentes pertencentes ao quadro de árbitros gaúcho em 2012, as quais foram submetidas à análise de conteúdo. Evidenciou-se um baixo índice de agressões físicas (oito entre 50 árbitros), sendo que a maior parte das agressões sofridas ocorreu com a presença da mídia, o que nos fez acreditar que a mídia por si só não inibe comportamentos agressivos. Além disso, percebeu-se que a incidência de agressões físicas tende a ocorrer mais em jogos amadores e de categorias de base do que nos jogos profissionais.

Palavras-chave: Arbitragem. Futebol. Agressões físicas.

Introdução

A figura do árbitro surgiu no futebol mundial em 1868, na Inglaterra. Muitas discussões durante as partidas tornaram necessária a presença de uma autoridade para evitar os problemas, porém, sua atuação restringia-se fora do campo, gritando suas decisões. Só em 1891 que o árbitro passou a atuar com base em regras pré-estabelecidas e com o auxílio de dois árbitros assistentes (SILVA, RODRIGUEZ-AÑES, FRÓMETA, 2002). Desde então, a presença de árbitro em competições de futebol foi obrigatória e as decisões da partida passaram a depender da sua autoridade.

A figura do árbitro é tão importante que sem ele uma partida não pode ocorrer de acordo com a *International Football Association Board* – IFAB (IFAB, 1999). Um levantamento feito pelo Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo

¹ Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: luiza_n_reis@hotmail.com

(SAFESP) em 2002 estimou que existissem, aproximadamente, 76 mil árbitros de futebol em atuação no mundo (SILVA, RODRIGUEZ-AÑES, FRÓMETA, 2002).

No Brasil dirigir uma partida de futebol nunca foi uma atividade fácil. Dentre os problemas enfrentados pelos árbitros relaciona-se a precária infraestrutura do futebol, a desonestidade de dirigentes e falta de conhecimento das regras pelos participantes do esporte (Barros apud PEREIRA, ALADASHVILE, SILVA, 2006). Segundo Manzoello (apud SILVA, RODRIGUEZ-AÑES, FRÓMETA, 2002), o julgamento desportivo é uma tarefa difícil, pois o árbitro deve, ao mesmo tempo, observar, constatar, interpretar, julgar e punir ou absolver um atleta.

A relação da imprensa com o árbitro de futebol, em sua maioria, não é cordial (SILVA e FRAUSINO, 2005). A imprensa colabora para que pessoas envolvidas no futebol não tenham um bom relacionamento com a arbitragem, afirma Silva (2005, apud PEREIRA, ALADASHVILE, SILVA, 2006). A atitude da arbitragem é comentada pela imprensa escrita, falada e televisiva durante bom tempo após o jogo (SILVA e FRAUSINO, 2005). Além disso, “os fanatismos de antes, durante e depois de uma partida de futebol podem levar qualquer pessoa a cometer atos violentos e selvagens, independentemente de seu nível cultural” (SILVA, RODRIGUEZ-AÑES, FRÓMETA, 2002, p.).

Quando se fala em violência no futebol, prontamente pensamos nas torcidas organizadas, vandalismos e depredações do patrimônio público, ou, mais especificamente, em faltas violentas e disputas acirradas dentro do campo de jogo. (BOSCHILIA, AFONSO, ALVES, 2008). Em compensação, a violência física ou moral contra os árbitros raramente vem a nossa cabeça quando somos questionados sobre os casos violentos no futebol. Recentemente foi publicada na Folha de São Paulo uma pesquisa realizada com os árbitros da Federação Paulista de Futebol (FPF), cujo resultado revelou que um terço dos árbitros do quadro já sofreram agressões físicas.

Diante deste cenário, a Associação Nacional dos Árbitros de Futebol (ANAF) se pronunciou afirmando que a ausência de televisionamento e da imprensa aumentam a violência. Sendo assim, este estudo justifica-se á medida que pretende verificar se a incidência de agressões físicas sofridas pelos árbitros tem relação com a mídia, e analisar se os mesmos resultados encontrados pela ANAF aplicam-se ao contexto do futebol gaúcho. Dessa forma, o objetivo geral deste estudo foi averiguar a ocorrência das agressões físicas aos árbitros e assistentes de futebol de campo do quadro da

Federação Gaúcha de Futebol (FGF) nos jogos organizados por ela em que não havia cobertura midiática.

Procedimentos metodológicos

Para a concretização dos resultados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, o que permitiu um maior grau de controle por parte do pesquisador. A amostra foi composta por 26 árbitros e 24 árbitros assistentes pertencentes ao quadro da FGF no ano de 2012, por meio de uma lista cedida pela própria FGF dos grupos e categorias dos árbitros. Cabe ressaltar que todos os entrevistados propuseram-se a responder após contato telefônico ou por e-mail em horários e locais previamente combinados.

O roteiro da entrevista foi dividido em duas partes que consideramos principais. A primeira está relacionada com o relato das agressões físicas sofridas ao longo da carreira dos árbitros e a segunda sobre as questões de experiência profissional, ou seja, que não têm relação direta com agressões.

Para o registro das informações, foi utilizada a técnica de gravação e posterior transcrição dos depoimentos orais. Os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido permitindo que suas respostas fossem utilizadas na presente pesquisa. Após a transcrição das entrevistas, aplicaram-se as técnicas de análise de conteúdo propostas por Bardin (2000).

Segundo Bardin (2000), a análise de conteúdo seria o conjunto de técnicas de análise de comunicações com o objetivo de obter, por procedimento sistemático e objetivo de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam uma inferência de procedimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. As fases propostas por Bardin (2000) foram utilizadas devido à possibilidade de serem aplicadas no exame de documentos escritos e transcrições de entrevistas.

Sendo assim, a primeira etapa realizou-se com a seleção dos documentos (pré-análise), para uma sequente exploração do material e categorização das unidades de análise que pudessem ser feitas. Seguindo este processo, realizamos a descrição de cada categoria, seguida da interpretação dos resultados.

Cabe ressaltar que o tratamento dos dados foi feito por meio da divisão das entrevistas em unidades isoladas, permitindo o desmembramento dos significados

implícitos e o seu reagrupamento em categorias. Dessa forma, os resultados obtidos puderam nos oferecer análises reflexivas e analíticas a respeito do objeto de estudo.

Resultados

O Quadro de Árbitros da FGF no ano de 2012 contava com 117 árbitros, sendo que deste total 50 responderam a entrevista. Dentre os entrevistados, oito já sofreram algum tipo de agressão física ao longo da sua prática profissional em jogos organizados pela FGF, sendo quatro árbitros e quatro árbitros assistentes.

Analisando as competições em que as agressões ocorreram, quatro foram agredidos no Campeonato Amador da FGF, três nos campeonatos estaduais das categorias de base e um na Segunda Divisão do Campeonato Gaúcho. Além disso, um deles foi agredido no aeroporto ao voltar de uma partida do Campeonato Brasileiro série A, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Quanto à cobertura midiática presentes nas partidas em que ocorreram as agressões foram excluídas as mídias próprias dos clubes. Dessa forma, em cinco delas havia a presença de rádios e em três não havia cobertura midiática alguma. Televisão, rádio e jornal se fizeram presentes nas agressões sofridas no jogo da Segunda Divisão e no aeroporto.

Os resultados da análise das informações foram divididos em três categorias. A primeira trata especificamente sobre as agressões físicas sofridas pelos árbitros; a segunda refere-se aos meios de comunicação numa partida de futebol (televisão, rádio e jornal); e, por fim, a terceira categoria trata da atuação dos árbitros nos campeonatos oficiais promovidos pela FGF.

Categoria 1: Agressões físicas

As agressões físicas aos árbitros de futebol podem acontecer por parte de qualquer pessoa envolvida com o jogo de futebol. Os casos dos entrevistados que tiveram resposta positiva para a pergunta “ao longo de sua carreira já sofreu agressões físicas em jogos oficiais?” vieram por parte de jogadores, comissão técnica e dirigentes. Quando questionados sobre os motivos que poderiam levar alguém a agredir o árbitro de futebol durante o jogo, diversas questões foram levantadas. Estas puderam ser divididas em três subcategorias de análise: a sociedade, o clube e os agentes externos.

Segundo os entrevistados, grande parte da sociedade julga que o árbitro não erra por ser humano e, sim, por ser mal intencionado. Porém, desde a criação oficial do futebol em 1863 nunca houve a pretensão de que as pessoas envolvidas nesse esporte fossem infalíveis (SILVA E FRAUSINO, 2005).

“Os erros cometidos pelos árbitros são imperdoáveis para algumas pessoas. Errar é uma atitude que qualquer pessoa pode cometer, mas isto não é válido para o árbitro dentro do campo”. (SILVA, RODRIGUEZ-AÑES, FRÓMETA, 2002, p. 42).

Além do julgamento errôneo da sociedade, alguns dos entrevistados acreditam que os próprios árbitros são culpados por este tipo de comportamento, por não se defenderem coletivamente. Em contrapartida ao fato da sociedade de entender o erro do árbitro como erro e não má-intenção, também surgiram outros motivos como: a cultura do futebol, a impunidade e a incapacidade de perceber que o erro do árbitro faz parte do jogo.

Expressões de agressividade estão presentes no futebol desde o seu surgimento, já que ele sempre foi associado aos valores de masculinidade, exacerbando a virilidade e a força. Na sociedade, estão presentes estes valores masculinos. Porém, este argumento “a violência sempre esteve ligada ao futebol” não deve ser aceito, apesar de as causas e soluções para este problema serem complexos e difíceis de serem solucionados (REIS, 2006). O clube é um espaço onde ocorrem muitas destas manifestações.

Neste caso, consideramos o clube como sendo composto por integrantes da equipe de jogadores, comissão técnica e dirigentes. Dentre os motivos que poderiam desencadear uma agressão, os mais citados foram a paixão e a emoção. Além desses, a insatisfação com as marcações, a possibilidade de descarregar seus erros durante a partida no árbitro, o desconhecimento das regras do jogo, o despreparo psicológico e os problemas pessoais também foram citados.

Santos (2008) classifica o descontrole momentâneo que poderia gerar a violência como resultado de três situações: o descontrole relacionado com a revolta devido a um erro ou identificação de uma atitude mal intencionada por parte da arbitragem, a incapacidade de resolver a situação de outra forma e o ambiente onde praticam o futebol. Quanto ao ambiente, Silva (2008) aponta que este fator também está ligado às decisões do árbitro e das pessoas externas ao jogo, como torcedores, que incentivam o

comportamento violento por parte dos integrantes da equipe. Nesta direção se faz necessário considerar a influência dos agentes externos.

Os próprios árbitros podem não estar isentos nas agressões sofridas. A falta de combinação prévia com a Brigada Militar, por exemplo, que está encarregada em garantir a sua segurança, pode ser um dos motivos que leve o árbitro a ser agredido. Além disso, interesses políticos e econômicos também foram citados como causas.

“Os desdobramentos das transformações esportivas envolvem variadas esferas. No plano econômico, por exemplo, os efeitos dos resultados em campo podem apresentar fortes impactos na movimentação econômica dos países”. (BOSCHILIA, 2008, p. 108)

O futebol, assim, assumiu grande importância com o grande envolvimento de pessoas e instituições. Este fato aliado à necessidade de atingir resultados expressivos e buscar lucro acabou por distanciar a modalidade da maneira como era o jogo em sua origem (BOSCHILIA, 2008). A mídia cumpriu um papel nas mudanças das partidas de futebol.

Categoria 2: Meios de comunicação

Diferentes formas de mídias estão presentes nos campos de futebol:

“Repórteres de rádios, jornais e televisões, fotógrafos, cinegrafistas estão atentos às jogadas e ações em localizações e posições estratégicas de onde possam registrar quase todos os lances da partida, inclusive os que passam despercebidos pelos árbitros, cumprindo variadas funções”. (BOSCHILIA, 2008, p. 111).

Quando questionados sobre o tipo de mídia que consideram mais importante na cobertura de algum jogo em que estiveram trabalhando (televisão, jornal ou rádio), a grande maioria respondeu a televisão. Segundo eles, as imagens podem não impedir que uma agressão ocorra, mas podem fazer com que ela seja punida corretamente.

De acordo com os entrevistados, a imagem da televisão pode levar um árbitro a glória ou a decadência, pois não basta que o árbitro tenha acertado no campo de jogo. É necessário, também, contar com a boa vontade de quem edita e mostra as imagens ao

público, o que corrobora com Vargas (1985, apud PINHEIRO, 2010) que trata a televisão como o meio mais envolvente dos meios de comunicação de massa, podendo ser muito agressivo.

O segundo colocado, de acordo com os entrevistados, foi o rádio, devido ao fácil e rápido acesso. De acordo com a entrevista realizada, o rádio é o meio de comunicação que mais abrange a população em geral, sendo utilizado por muitos dentro do próprio estádio no momento em que está acontecendo a partida. Por outro lado, também foi questionada a integridade deste tipo de mídia, uma vez que por não mostrar os lances, torna-se possível opinar e formar opiniões de acordo com o que quisesse.

O jornal acabou ficando com a terceira colocação, em função dessa mídia impressa não abordar novidades, mas apenas abranger o que já foi mostrado e discutido inúmeras vezes na televisão ou no rádio. A mídia sozinha não inibe comportamentos agressivos. Além disso, quando composta por profissionais pouco qualificados, podem instigar a violência dentro e fora de campo. Segundo relato dado em entrevista, “quem tem medo não pode trabalhar como árbitro, pois não há total segurança”.

Eissmann (1996, apud PINHEIRO, 2010) e Silva (2002, apud PINHEIRO, 2010) citam que o árbitro está constantemente vigiado pelas câmeras de televisão. Quando um erro é cometido, este é sempre focado como inimigo pelos torcedores, jogadores e treinadores. Até mesmo um acerto passa a não ser acerto, dependendo de quem o está “avaliando”. Boschilia (2008) afirma que a violência é algo habitual ao futebol e que as possibilidades de prevenção e controle da violência são influenciadas por outras instituições como a mídia e os tribunais esportivos. Nos diferentes campeonatos a violência pode ocorrer de formas diferenciadas ou não.

Categoria 3: Campeonato amador, profissional e categorias de base

O questionamento sobre a ocorrência de mais agressões aos árbitros em jogos amadores e de categorias de base do que em jogos profissionais. A resposta positiva foi unânime. Fato este que pode ser constatado, pois dos oito árbitros que sofreram agressões apenas uma aconteceu em um jogo profissional. Neste aspecto, questionamos o motivo que levaria a ocorrer mais agressões nesses campeonatos. Dentre os motivos citados, encontramos: a falta de infraestrutura de diversos estádios, pouca visibilidade do jogo, a presença não obrigatória da Brigada Militar, a punição pequena ou inexistente e a falta de experiência dos árbitros.

Em consenso com o resultado encontrado pelo nosso estudo, Boschilia, Afonso e Alves (2008) entrevistaram árbitros da Federação Paranaense de Futebol pertencentes ao quadro da CBF e os questionaram sobre agressões sofridas, concluindo que as agressões ocorriam principalmente no futebol amador, apesar de não estarem descartadas no futebol profissional. Segundo eles, violências morais e verbais seriam inerentes à função de árbitro.

Discussão dos Resultados

A violência aos árbitros é um caso normal e recorrente. Boschilia, Afonso e Alves (2008) constataram que os árbitros consideram suas possibilidades de atuação no controle da violência, porém acreditam que a prevenção deveria partir também de outros meios, como tribunais, mídias, dirigentes e comissão técnica das equipes. Estes fatos nos levam ao questionamento do *Fair Play*. O *Fair Play*, promovido pela *Fédération Internationale de Football* (FIFA) (FIFA, 2007), engloba os princípios desportivos, morais e éticos que devem estar presentes no futebol. Apesar de não pertencer ao livro de regras, ele é composto dos seguintes princípios: a) Jogue limpo; b) Jogue para ganhar, mas aceite a derrota com dignidade; c) Observe as regras do jogo; d) Respeite os adversários, os companheiros, os árbitros, os oficiais e os espectadores; e) Promova os interesses do futebol; f) Honre aqueles que defendem a boa reputação do futebol; g) Rejeite a corrupção, as drogas, o racismo, a violência, as apostas e outras ameaças para o nosso esporte; h) Ajude outros a resistir frente a pressões corruptoras; i) Denuncie aqueles que buscam desacreditar o nosso esporte; j) Utilize o futebol para melhorar o mundo.

Neste sentido, a prática do *Fair Play* não está submetida ao julgamento do árbitro, mas deve estar presente na espontaneidade de jogadores, torcedores e dirigentes, o que iria contra qualquer tipo de agressão física no esporte. Além disso, outro fato bastante citado entre os árbitros entrevistados diz respeito à profissionalização do futebol. Apesar do esporte no Brasil já estar profissionalizado a muito tempo, e a maioria de seus atuantes também, os árbitros não possuem regulamentação profissional, ou seja, não dispõem de direitos trabalhistas. A profissionalização das grandes instituições esportivas ainda não chegou à arbitragem (BOSCHILIA, VLASTUIN, MARCHI, 2008).

Outro fator bastante comentado pelos árbitros de futebol entrevistados diz respeito às agressões morais sofridas. Segundo eles, agressões morais acontecem em todas as partidas em que trabalham, vindas por parte de torcedores, jogadores, comissões técnicas e dirigentes. Este tipo de agressão acaba por difamar a atuação dos árbitros, pois nenhum trabalhador deveria atuar sob este tipo de pressão.

Considerações Finais

Com a participação de quase metade do quadro de árbitros do Rio Grande do Sul, foi possível perceber que cerca de um quinto dos entrevistados foram agredidos quando atuavam em jogos oficiais. Corroborando com o estudo feito com os árbitros de São Paulo, no Rio Grande do Sul também ocorreram mais agressões em jogos amadores e de categorias de base.

Levando em conta tais considerações, concluímos que, sozinha, a mídia não impede nenhuma forma de comportamento, podendo ter alguma relevância apenas quando relacionada a outros fatores. Sendo assim, a justificativa da ANAF para os casos de agressões aos árbitros de futebol não pode ser totalmente aceita nos casos do Rio Grande do Sul, pois a maioria das agressões ocorreu com a presença da mídia. Porém, como apenas uma das partidas contava com a cobertura televisiva, o tipo de mídia que cobre a partida pode ser relevante.

Sugerem-se novos estudos, em outros estados do Brasil, que analisem as agressões sofridas pelos árbitros de futebol e suas relações com as mídias de forma a gerar novos subsídios e debates, pois conforme aponta Boschilia (2008), a mídia cumpre uma função dupla no futebol, podendo incitar ou inibir a violência nos estádios.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BOSCHILIA, Bruno. **Futebol e violência em campo: análise das interdependências entre árbitros, regras e instituições esportivas**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2008.

BOSCHILIA, Bruno; AFONSO, Gilmar; ALVES, Pedro. **Os árbitros e a violência no futebol**. Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas. UFPR – Curitiba – Paraná – Brasil, 2008.

BOSCHILIA, Bruno; VLASTUIN, Juliana; MARCHI, Wanderley. Implicações da espetacularização do esporte na atuação dos árbitros de futebol. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 57-73, set. 2008.

<<http://www.fifa.com>>. Acesso em: 21 de abril de 2012.

FIFA. *Fair play code*. Disponível em: <<http://www.fifa.com>>. Acesso em: 28 de abril, 2012.

INTERNACIONAL FOOTBALL ASSOCIATION BOARD. **Regras do jogo**. Suíça, 1999.

PEREIRA, José Adilson; ALADASHVILE, Gocha Anzorovich; SILVA, Alberto Inácio. Causas que levam alguns árbitros a desistirem da carreira de árbitro profissional. **Revista da Educação Física/UEM** Maringá, v. 17, n. 2, pág. 185-192, 2006.

PINHEIRO, Jonathan. **A influência da mídia televisiva no desempenho dos árbitros de futebol da primeira divisão do campeonato brasileiro de 2010**. Trabalho de conclusão de curso – Educação Física – FEEVALE, Novo Hamburgo, 2010.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Violência**. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

SANTOS, Roberto Ferreira. **A violência no futebol na visão de seus atores**. Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas. UFPR - Curitiba - Paraná – Brasil, 2008.

SILVA, Alberto; FRAUSINO, Neusa. Análise dos comentários da imprensa em relação ao árbitro de futebol. <http://www.efdeportes.com/> **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 10 - N° 84 - Mayo de 2005.

SILVA, Alberto; RODRIGUEZ-AÑES, Ciro; FRÓMETA, Edgardo. O árbitro de futebol – uma abordagem histórico-crítica. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 13, n. 1, p. 39-45, 1 sem., 2002.